

“Onde mil flores com espadas são cortadas”

A partir do dia 17 de Abril, a Universidade de Coimbra viu-se invadida por uma onda de anarquia que tornou impossível o funcionamento das aulas. Têm-se sucedido, constantemente, as reuniões de estudantes, as discussões, os debates (...) Pois esta situação tem que terminar imediatamente. (...) Mas não é com uma vaga esperança que concluo. É com uma certeza. A de que a ordem vai ser restabelecida na Universidade de Coimbra.
JHS, 30 Abril, 1969

Ruídos duvidosos, sons abafados, motores que se desligavam, vozes em surdina, passos apressados sobre a calçada da velha alta coimbrã. Acordo! O pesadelo que me atormenta em breve feito triste realidade. Vencido o medo inicial, protegida pela ausência de um sol que teimava, ainda, em não nascer, ali deitada, bem no cimo de um telhado que conseguira alcançar através de minúscula janela, fui espectadora privilegiada do espectáculo com que o governo fascista e seus lacaios, exemplarmente encenados pelo ministro Saraiva, se preparavam para surpreender os estudantes, naquele primeiro dia de exames.

Horas mais tarde, Coimbra despertava ocupada, a Universidade completamente sitiada!

Pela primeira vez, José Hermano Saraiva deve ter dito a verdade! Sim! Tinham convergido para Coimbra conhecidos “agitadores profissionais”. E eu, ali escondida, bem no cimo do meu refúgio, fora testemunha silenciosa da sua chegada à cidade! PSP, GNR apeada e a cavalo, cães-polícia, polícias-cães, jipes com arame farpado que, pude mais tarde sentir-lhes o efeito, varriam passeios e praças acelerando sobre todos os subversivos agrupamentos de... mais do que dois estudantes! Toca a circular! Toca a circular! E lá vinha o crime farpado, e lá vinha o

gida pelos agentes da PIDE, toda a comitiva se precipita para a saída. Olhos no chão, passam entre cartazes que fingem não querer ver, procuram o conforto dos automóveis e partem, fogem para bem longe daquela terra “maldita”!

Partem mas não perdoam! Pela calada da noite, o presidente da AAC é preso pela polícia política! Os estudantes reagem, exigindo a sua libertação imediata. Coimbra, capital da liberdade e do inconformismo, transforma-se em cidade a ferro e fogo!

Multiplicam-se as iniciativas de contestação ao regime — luto académico, greve às aulas, debates abrangendo os mais variados temas. O ministro Saraiva responde com a razão da sua força — encerramento da Universidade, suspensões, inquéritos disciplinares, prisão de centenas de estudantes, num crescendo de repressão e violência que mais não faz do que recrudescer a luta dos estudantes. A lei da acção-reacção de Newton posta à prova na Universidade de Coimbra! E à força sem razão de JHS, os estudantes respondem com a força da sua razão. A 28 de Maio, nos jardins da AAC, a maior Assembleia Magna alguma vez realizada aprova, com 98% de votos favoráveis, uma greve geral aos exames. Novas formas de luta surgem com as inesquecíveis “Operação Balão” e “Operação Flor”.

E Coimbra invadiu Lisboa! Na agenda, muito mais do que uma simples final da Taça de Portugal. Os jogadores da AAC entraram em campo envergando braçadeiras de luto académico. Pela primeira vez o Presidente da República não assistiu à final. Ali, estudantes e povo, “irmanados na mesma luta de ideais” transformaram o Estádio Nacional numa grandiosa jornada de luta contra o fascismo. Mais de 35.000 comunicados militantemente distribuídos a uma população

banho com azul-de-metileno, e lá vinha a nada meiga bastonada. Toca a circular... e as balas assobiando... Toca a circular... e a malta correndo... e o refúgio junto de uma população que, noite e dia, mantinha as portas entreabertas!

Ex. mo senhor Presidente, peço para usar da palavra em nome dos estudantes

E o fascismo tremeu, ferido de morte! Atingido pelas "subversivas" palavras de um jovem que, legitimamente mandatado por toda uma Academia da qual era Presidente, este sim, democraticamente eleito, solicitou o uso da palavra.

Decorria a cerimónia de inauguração das Matemáticas, um novo e moderno edifício de uma Universidade que "eles" pretendiam eternamente velha.

Américo Tomás, o presidente fabricado pela farsa eleitoral de 1958, petrificado, estarrecido, mal conseguindo balbuciar algumas e inconclusivas palavras: "Bem... mas agora vai falar o senhor Ministro das Obras Públicas". E o ministro falou... E ninguém ouviu o ministro... Pânico e mal-estar tinham-se instalado entre os membros da comitiva. Silêncios, olhares significativos em busca de uma ajuda milagrosa, uma ideia salvadora que teimava em não chegar, semblantes carregados e façanhudos, olhos lançando raios mortíferos com que, desesperadamente, pretendiam fuzilar toda a malta ali presente. E, no quadro de que fui privilegiada espectadora, os olhos esgazeados de José Hermano Saraiva, símbolos do ódio, ávidos de vingança, oscilando entre os estudantes ali presentes e os pides estrategicamente colocados à porta da sala, em nome de uma memória que recusa todo e qualquer branqueamento do fascismo e seus agentes, não poderei esquecer.

Cá fora, milhares de estudantes aguardavam o desenrolar dos acontecimentos. Capas ao vento, bandeiras de liberdade! "Democratização do ensino", "Universidade para todos", "Impõem-nos o diálogo do silêncio" "Estudantes no governo da Universidade"...

A cerimónia acaba abruptamente. Prote-

vida da informação que a censura lhes negava. E, ironia das ironias, a RTP obrigada a mostrar, em directo e para todo o país, o que durante sessenta e sete dias vergonhosamente escondera.

A retaliação foi brutal. Processos disciplinares e criminais, prisões, incorporações compulsivas nas forças armadas, expulsões de todas as universidades. Nada que pudesse vencer a força da nossa razão, a justiça dos nossos ideais!

17 de Abril de 1969! Feito por "gente viril de antes quebrar que torcer" que, pondo em causa a Universidade, soube pôr em causa a sociedade. Para muitos, o primeiro contacto com a realidade social e política de um país massacrado por uma guerra colonial, de um país oprimido por um regime ditatorial obsoleto e implacável para quantos se lhe opunham – denúncias, perseguições, prisões, espancamentos, torturas, morte.

17 de Abril de 1969! A última grande machadada no regime fascista. O dia em que a ditadura, ferida de morte, entrou em agonia que viria a durar cinco longos anos.

17 de Abril de 1969! A Universidade velha morreu. E na Academia de Coimbra nada mais voltou a ser como dantes! Tudo porque um dia, um estudante cometeu o crime de pedir o uso da palavra.

Ouviram-me com a maior de todas as atenções. Incrédulos, estupefactos face a uma realidade que não conheciam e que mais lhes parecia uma inacreditável ficção de terror. "Mas... a professora viveu isso?"

Mais tarde, fazendo um intervalo na preparação das aulas, olho a televisão. O ministro da educação do Livro Único, o Hermano da ditadura reciclado e promovido a historiador de almanaque, a animador de serões... Mudo de canal. Uma mensagem, em rodapé, apela ao voto em ... Salazar! Refugio-me na minha música, nos meus livros, nos meus alunos.

E nunca como hoje, foi tão grande a satisfação face à certeza do dever cumprido.

Afinal, Física e Química estão em toda a nossa vida, da trajectória das balas, ao azul de metileno...

Maria Augusta Carvalho